

Guimarães Rosa em Momentos de Literatura Dantesca

Doutorando Gibson Monteiro da Rocha¹

Resumo:

O contato com a obra de Guimarães Rosa e a leitura de sua correspondência com Edoardo Bizzarri, seu tradutor para o italiano, indicou-nos que o autor de Grande sertão: veredas em diversas passagens de suas narrativas inseriu episódios da Divina Commedia, bem como estabeleceu um contínuo diálogo com a obra maior de Dante Alighieri. Esses momentos dantescos podem ser observados desde Sagarana até Grande sertão. Em nosso trabalho elencaremos alguns exemplos dessas apropriações da Commedia por Rosa, indo desde a utilização de versos até a concepção de personagens como Otacília, essa Beatriz sertaneja.

Palavras-chave: Guimarães Rosa, Dante Alighieri, Literatura Comparada, Grande sertão: veredas, Divina Commedia

Guimarães Rosa, em toda sua obra, demonstra atenção e esmero no uso da linguagem. O ato de transitar por vários idiomas lhe possibilitou a educação do punho na construção de neologismos e expressões, partindo da fusão de vocábulos de idiomas diversos. Esse apego aos idiomas pode ser encontrado em todas as suas obras. Para o caso do italiano não faltam exemplos, como no conto “O cavalo que bebia cerveja”: “(...) Mas comia, sua carne, as cabeças de alface, do balde, fungava. — “irivalíni... que esta vida... bisonha. Caspité? – perguntava, em todo tom de canto. Ele avermelhadamente me olhava. — “Cá eu pisco...” — respondi.” (ROSA, 1972, p. 96)

Nesse exemplo, há uma transposição do verbo italiano *Capire*, na primeira pessoa do indicativo, para a língua portuguesa, conferindo-lhe uma ambigüidade que amplia sua esfera de sentido ao referir-se tanto ao senso de compreensão quanto ao ato de piscar os olhos. Um outro exemplo dessa construção a partir da integração de idiomas é o caso do personagem Moimeichego, do conto “Cara de bronze”, que significa separadamente — moi + me + ich + ego —, ou seja, o próprio Rosa¹.

Ainda nesse prazer cultivado pela língua italiana, Rosa acentua um convívio e apreço pelo seu patrono — Dante Alighieri. A leitura de Dante e a exposição de uma série de temas e passagens da *Commedia* acompanham parte considerável de sua produção literária. A interação Dante-Rosa se processa mais por uma absorção do que por influência, uma vez que Rosa não acompanha em suas obras as etapas que caracterizariam a influência poética segundo Harold Bloom².

Em *Formação da literatura brasileira*, Antonio Candido discute a questão da influência e chama atenção para a pluralidade de formas como uma obra passada pode aparecer ou esconder-se num autor futuro. Destacamos aqui o trecho onde o autor faz uma avaliação importante que se aproxima e muito do que entendemos por ‘absorção’ e ‘presença’:

Pode [uma obra precedente], doutro lado, ser de tal modo incorporada à estrutura [da obra posterior], que adquire um significado orgânico e perde o caráter de empréstimo; tomá-la, então, como influência, importa em prejuízo do seu caráter atual, e mais verdadeiro, de elemento próprio de um conjunto orgânico. (CANDIDO, 1959, p. 30)

Isso não significa que em algumas situações Rosa não faça citações literais da *Commedia*, mas, mesmo essas, vêm tão integradas ao corpo do texto que só com uma leitura minuciosa se percebe que aquele verso da *Commedia* foi utilizado por Guimarães. A exemplos temos:

Céu só Safira.³ (*Dolcer color d’oriental zaffira*)⁴

Tão território que não foi feito para isso, **por lá esperança não acompanha**⁵

*(Lasciate ogne speranza, voi ch'intrate.)*⁶

Vento mau o sacudia o sacudia, jogava-o, de cá, de lá(...)⁷

*(così quel fiato li spiriti mali/ di qua, di là, di giù, di sù li mena;)*⁸

Hora era donde se sair sem estorvo?⁹ *(Ora era onde 'l salir non volea storpio;)*¹⁰

Observa-se que Guimarães utiliza tanto referência a passagens conhecidas da obra prima de Dante, quanto a versos menos célebres como o primeiro do canto XXV do purgatório. Além disto, são passagens que a crítica ao poeta tem acompanhado; Borges e Palácios escreveram sobre o “dolce color”¹¹; Ortega, sobre o Canto V do Inferno¹², e ninguém passa por Dante sem citar, talvez, o seu mais famoso verso: “Lasciate ogne speranza voi ch'entrate”.

Sobre o “Dão-Lalalão”, em carta a Edoardo Bizzarri, afirma Rosa:

Voltando ao ‘Dão-Lalalão’, isto é, aos curtos trechos em que assinalei as ‘alusões dantescas’, apocalípticas e cântico-dos-canticáveis. (ALIÁS, é apenas nessa novela (Dão-Lalalão) que o autor recorreu a isso.) Como Você vê, foi intencional tentativa de evocação, daqueles clássicos textos formidáveis, verdadeiros acumuladores ou baterias, quanto aos temas eternos. (...) Com a diferença que, no nosso caso, ainda que tosca e ingenuamente, o efeito visado era a inoculação, impregnação (ou simplesmente ressonância) subconsciente, subliminal. Seriam espécie de sub-paracitações (?!?): isto é, só células temáticas, gotas de essência, esparzidas aqui e ali, como tempero, as ‘fórmulas’ ultra-sucintas. (ROSA, 2003, p. 49)

O interesse de Guimarães Rosa por Dante pode ser evidenciado nas suas cartas para Edoardo Bizzarri¹³, seu tradutor para o italiano. As cartas são do período em que Bizzarri estava traduzindo o *Corpo de Baile* (1959-1967). Ele foi adido cultural da Itália no Brasil e coordenou o Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro de São Paulo. Para o *Grande sertão: veredas*, objeto de estudo de nossa pesquisa, teria sido de extrema valia que Rosa tivesse acompanhado sua tradução feita por Bizzarri, mas como Rosa encantou-se em 1967, não pode vê-la concluída em 1970.

Em *Grande sertão*, Guimarães opera uma das obras mais inventivas da literatura brasileira, na qual tudo soa com uma pluralidade de sentidos que possibilita à crítica literária encontrar, ali, terreno fértil para seu labor. Apesar da gama de símbolos e metáforas que compõem a obra, assemelhando-se a um barroco moderno, paira uma noção de exatidão e completude em cada elemento que a sustenta.

Há uma fusão de contrários que se estabelece nas relações Deus-Demo, rio-baldo, cidade-campo, etc. É como se Guimarães ao compor a obra fosse sempre “pontando opostos”, tentando unir os aspectos díspares da vida nas duas margens do São Francisco; como asseverou Antonio Candido:

O São Francisco partiu minha vida em duas partes.’

Atentando para a sua função no livro, percebemos com efeito que ele divide o mundo em duas partes qualitativamente diversas: o lado direito e o lado esquerdo, carregados do sentido mágico-simbólico que esta divisão representa para a mentalidade primitiva. O direito é o fausto; nefasto o esquerdo. (CANDIDO, 1978, p. 124)¹⁴

Essa tentativa de Riobaldo, personagem-narrador do romance, de através dos relatos de sua vida como jagunço, tentar explicar ou “entender, do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder...”¹⁵, é uma metáfora da experiência humana que des-

de os primórdios tenta explicar a complexidade do mundo e da vida, dar um sentido as coisas; pois ele, o mundo, é “muito misturado” e Riobaldo quer “os todos pastos demarcados”¹⁶.

Essa união de distintos vai se apresentar ainda na relação amorosa que Riobaldo estabelece com algumas personagens do romance, especialmente com Nhorinhá, Otacília¹⁷ e Diadorim. Nhorinhá, prostituta presente tanto no *Grande sertão* quanto no conto “Cara-de-Bronze”,¹⁸ representa um amor-paixão, visceral, na carne. Ela é uma puta-flor, um anjo de candura que vive das necessidades de sujeição do corpo, mas que ensinou a Riobaldo os prazeres do amor.

Otacília, a que mais se aproxima da Beatriz de Dante, era pura, virgem, zelava continuamente em suas orações pelo bem de Riobaldo, seu noivo prometido. “Otacília, era como se para mim ela estivesse no camarim do Santíssimo”¹⁹. Essa suavidade, até o lugar em que Otacília morava, Fazenda Santa Catarina, uma alusão aos cátaros, é um índice da beatitude desse amor, assim como o de Dante por Beatriz.

Diadorim, amor tanto forte quanto misterioso, chegava a parecer fruto de algum feitiço, pois como Riobaldo poderia nutrir um sentimento tão forte por um companheiro jagunço. Essa angústia o acompanha por todo o livro, desfazendo-se apenas ao fim da obra. “O Reinaldo era Diadorim — mas Diadorim era um sentimento meu”²⁰. Ainda sobre o amor em Rosa e Dante, o filósofo Benedito Nunes fez algumas aproximações:

Tanto em Guimarães Rosa quanto em Dante, o amor, desejo que se faz anelo, possui uma dimensão cósmica universal. Força atrativa, irradia-se o objeto amado, o qual imanta os seres, seduz as almas e cativa-as em substância. (NUNES, 1994, p.155)

Uma distinção entre o amor nas duas obras é que em Dante o amor só se consolida por intermédio da graça divina, na transcendência que conduz o homem à eternidade. Em Guimarães Rosa, o amor eros, ou seja físico, conduz o ser a um amor metafísico. Há, como afirmamos acima, uma união do espiritual com o carnal, do imaginário com o sensitivo, do experienciado com o desejado.

Agora, evidentemente, por Guimarães Rosa ter lido a *Divina Commedia* e pelo apreço que tinha pela obra, acabou de forma calculada e espontânea transferindo para o *Grande sertão: veredas* algumas passagens que lhe eram caras, como: “Ah, formei aquela pergunta, para compadre meu Quelemém. Que me respondeu: que, por perto do Céu. A gente se alimpou tanto, que todos os feios passados exalaram de não ser” (ROSA, 1983, p. 19).

Que lugar perto do Céu seria esse senão o cimo do Purgatório²¹, onde Dante é conduzido por Matelda às águas do Lete para se esquecer de seus pecados de tal forma que “todos os feios passados exalaram de não ser”. E, no trecho acima, quando compadre meu Quelemém diz que se “alimpou tanto”, a que lugar esse homem do sertão se referia senão a um rio? Que rio senão o Lete? Rio que na *Divina Commedia* está perto do Céu, justamente no Jardim do Éden, antiga morada do homem não-nascido de mulher.

O LISO DO SUSSUARÃO E O PARADIGMA DA VIAGEM

Se até o momento nos defrontamos com trechos e passagens pontuais que remetem a uma inter-relação Dante-Riobaldo, agora vamos nos deter de forma mais pormenorizada num episódio dividido em duas partes do *Grande sertão*: o Liso do Sussuarão, em contraste como a viagem de Ulisses no Canto XXVI do *Inferno*.

De forma sintetizada podemos dizer que os dois acontecimentos se referem ao topos da viagem. Viagem que poucos conseguiram concluir; na *Commedia* temos Ulisses que não concluiu a

viagem e que corresponde a Medeiro Vaz no Grande sertão; ainda no Grande sertão Riobaldo realiza a viagem até o fim, assim como Dante na Divina Commedia.

O Liso do Sussuarão é uma região idealizada por Guimarães Rosa que ficaria entre o norte de Minas Gerais e o sul da Bahia. Região inexpugnável, onde não existe vida, apenas um grande vazio. O nome já suscita um lugar muito distante e para além, muito além do Sul, ou seja, Sussuarão. O Curioso é que no Grande sertão este lugar não fica ao sul, mas ao norte da região mais freqüentada por Riobaldo que são os “gerais” mineiros. Assim Riobaldo se refere ao Liso do Sussuarão:

O Liso do Sussuarão não concedia passagem a gente viva, era o *raso* pior havente, era um escampo dos infernos. (...) Nada, nada vezes, e o demo: esse, Liso do Sussuarão, é o mais longe — pra lá, pra lá, nos ermos. Se emenda com si mesmo. Água, não tem. Crer que quando agente entesta com aquilo o mundo se acaba : carece de se dar volta, sempre. (ROSA, 1983, 27- 28)

O termo Sussuarão também está associado às viagens atlânticas rumo ao Sul feita pelos portugueses ao contornar a África no século XV. Ao perpassar a Linha do Equador, eles também fizeram essa viagem a um certo sussuarão.

No Canto XXVI do *Inferno*, Dante e Virgílio caminham pela oitava vala do Círculo dos **Fraudulentos** onde encontram Ulisses e Diomedes envoltos cada qual em uma língua de fogo (vers 49-84). Para satisfazer ao desejo de Dante, Virgílio pede que Ulisses narre como se deu sua morte (vers 85-142).

Ulisses de volta a Ítaca após a Guerra de Tróia e a viagem da *Odisséia*, intenta uma nova aventura, atravessar as colunas de Hércules (Estreito de Gibraltar), e viajar rumo ao sul, para descobrir o que havia naquela parte desconhecida do mundo. Ele consegue convencer alguns marinheiros a acompanhá-lo e navega durante cinco meses, sem o saber, em direção à montanha do Purgatório que na cosmologia dantesca fica no sul, exatamente abaixo de Jerusalém.

Ao se avizinhar do Purgatório, a embarcação de Ulisses é tomada por um forte vento, uma procela que faz a nave girar quatro vezes e por fim naufragar causando a morte de todos os tripulantes.

Medeiro Vaz, importante fazendeiro, diante de todas as guerras e atrocidades que os jagunços faziam nos pequenos povoados do Sertão, decidiu se desfazer de tudo que tinha e saiu a por ordem no mundo. Queimou o casarão de sua fazenda e se associou ao mais nobre líder sertanejo: Joca Ramiro. Segundo Riobaldo:

Medeiro Vaz era de uma raça de homem que o senhor não mais vê; eu ainda vi. Ele tinha conspeito tão forte, que perto dele até o doutor, o padre e o rico, se compunham. Podia abençoar ou amaldiçoar, e homem mais moço, por valente que fosse, de beijar a mão dele não se vexava. (ROSA, 1983, p. 35)

Com o assassinato de Joca Ramiro pelas mãos do Hermógenes, Medeiro Vaz sai pelos gerais no intuito de vingar a morte do amigo. E, aconselhado por Diadorim, estabelece uma estratégia: iria atravessar o Liso do Sussuarão para atacar a fazenda do Hermógenes que ficava do outro lado, tomado-a de assalto por uma parte que certamente não era vigiada.

Porém, tanto Medeiro Vaz quanto Ulisses não conseguem fazer a travessia. Precisariam de alguém mais evoluído que eles para realizá-la; numa tarefa como esta não poderiam contar com os “homens antigos”. Só alguém com uma nova forma de sensibilidade poderia realizar essa viagem a esse novo mundo.

Entre Ulisses e Medeiro Vaz as parencas são de tal monta, que, por vezes, tomando interpretações que foram feitas para um adequamos facilmente ao outro. A exemplo temos Marco Lucchesi que, ao se referir a Ulisses, afirma:

Ulisses abandona o reino, a família. Dissolve o complexo de Ítaca para respirar o vento de outros mares. [...] Ulisses nega todo o seu passado. O herói, no código de seu ideal, desfaz-se do álibi da aventura na distância. A recusa da Casa é a marca da desterritorialização. (LUCCHESI, 1994, p. 28)

Se substituirmos as palavras Ulisses, Ítaca e Mar, por Medeiro Vaz, Fazenda e Liso do Sussuarão, a interpretação não terá perdido em nada sua pertinência. Assim, temos diante de nossos olhos dois líderes realizando uma mesma viagem em lugares distintos, e obtendo o mesmo resultado: a morte.

Com Ulisses a morte foi mais implacável chegando no meio da travessia e em Medeiro Vaz, que retorna no meio da jornada, ela o assiste pouco depois do regresso. A imprudência de um se soma à obsessão do outro. As duas viagens se coadunam de tal forma que até o modo como é descrito o mar e o Liso do Sussuarão se assemelham: Guimarães Rosa: “O Liso do Sussuarão não concedia passagem a gente viva”(GSV, p. 28); Dante: “così l'animo mio (...) a rimirar lo passo/ che non lasciò già mai persona viva” (Inf. I, 25-27).

Ainda mais surpreendente é quando Ulisses e Medeiro Vaz convencem as tropas e marinheiros a fazer tão imprudente viagem:

Razão dita, de boa-cara se aceitou, quando conforme Medeiro Vaz com as poucas palavras: que íamos cruzar o Liso do Sussuarão, e cutucar de guerrear nos fundões da Bahia! Até, o tanto, houve, prezando, um rebuliço de festejo. O que ninguém ainda não tinha feito, a gente se sentia no poder de fazer. (ROSA, 1983, p. 35)

"O frati", dissi, "che per cento milia/ perigli siete giunti a l'occidente,/ a questa tanto picciola vigília// d'i nostri sensi ch'è del rimanente/ non vogliate negar l'esperienza,/ di retro al sol, del mondo sanza gente.// Li miei compagni fec' io sì aguti,/ con questa orazion picciola, al cammino,/che a pena poscia li avrei ritenuti; (Inf. XXVI, 112- 117, 121-123)

“Perigos mil vencendo e avesso fado”/ lhes disse – “irmãos chegastes ao ponente!/ da existência de resto já minguado/ razão não seja, que lhe tolhe a mente/ De além do sol, tentar nobre aventura/ E o mundo ver que jaz órfão de gente”.// Com tanto esforço os ânimos se erigem,/ falar me ouvindo assim, que ir por diante/ de entusiasmo sôfregos, exigem.

Vejam como num único trecho das duas obras temos três frases semelhantes: se Medeiro Vaz convence “com as poucas palavras”, Ulisses vem “con questa orazion picciola”. A segunda seria: “O que ninguém ainda não tinha feito, a gente se sentia no poder de fazer”; em Ulisses: non vogliate negar l'esperienza,/ di retro al sol, del mondo sanza gente. E por último: “Até, o tanto, houve, prezando, um rebuliço de festejo” e em Ulisses: “Li miei compagni fec' io sì aguti al cammino che a pena poscia li avrei ritenuti”.

Se o contato entre Ulisses e Medeiro Vaz já satisfazem nosso interesse de conciliação das duas obras, há ainda mais outros dois nomes que transcendem a reflexão do nível do possível para o evidente. E isso se dá através de Dante (personagem) e Riobaldo (Urutú Branco). Se as figuras anteriores de que tratamos não conseguem realizar suas travessias, teremos agora uma retomada com final diferente.

“Ulisses”, como diz Marco Lucchesi, “é um pouco Dante” e este por sua vez é “um Ulisses Cristão”. Riobaldo também é um pouco Medeiro Vaz, mas um Medeiro Vaz Urutú Branco, um Medeiro Vaz que se considera Pactário. Se Dante realiza a viagem com o impulso da Divindade, identificada nas atitudes de Beatriz, Riobaldo realiza a viagem com a possível ajuda do Demo, se é que “é possível ter ajuda de alguém que não existe”.

Vejam que esses novos líderes realizam a travessia movidos não apenas por razões pessoais, mas conduzidos por uma força maior, verdadeira na *Commedia* e imaginária no *Grande sertão*. É essa força (Deus/Demo) que lhes vai permitir concluir a viagem na qual os primeiros falharam. De maneira que Dante e Riobaldo, principais figuras da obra na qual se inscrevem, realizaram o trabalho que os homens antigos (Medeiro Vaz e Ulisses) não seriam capazes de desempenhar.

O curioso é que tanto Dante quanto Riobaldo traspassam todo o percurso, mas com uma postura diferente de seus predecessores, Dante o faz quase que “a seu esmo”, seguindo um caminho mais de purificação do espírito que de descoberta do conhecimento (Ulisses), caminho que o levará ao Purgatório, lugar não alcançado pelo seu antecessor. Torna-se tão referencial essa viagem de Ulisses para Dante que no I canto do *Inferno* (vers 22-30), I *Purgatório* (vers 130-133) e II *Paradiso* (vers 1-7; 13-15) o poeta a menciona, mas trazendo para si o galardão de realizar o que outro não conseguiu.

Ainda sobre a relação da viagem de Ulisses continuada por Dante, afirma Maria Corti:

[...] non solo i due viaggi sono paragonabili in quanto entrambi conducono a un'area inesplorata e degli uomini inesplorabile senza un superiore beneplácito, ma il confronto avviene sempre con un segno invertito, il che mette in rilievo il valore allegorico dei due eventi, il folle volo e naufrágio de Ulisse di contro alla salvezza nei cieli del pellegrino Dante¹ (CORTI, 2003, p. 281).

(...) não só as duas viagens são comparáveis em quanto entre si conduzem a uma área inexplorada e aos homens inexplorável sem um superior beneplácito, mas o confronto vem sempre com um sinal invertido, o que põe em relevo o valor alegórico dos dois eventos, o louco vou e naufrágio de Ulisses em contrapartida à salvação nos céus do peregrino Dante. (tradução nossa).

Riobaldo também conseguirá traspasar o Liso do Sussuarão, utilizando-se de uma estratégia diferente de Medeiro Vaz, e levar até o fim a vingança por Joca Ramiro concluindo a travessia até o “homem humano”.

A *Divina Commedia* foi, certamente, leitura indispensável na composição do *Grande sertão*, haja vista algumas passagens e elementos comunicantes entre as duas obras. Muitos estudos já anunciam essas paridades²², mas ainda resta muito por pesquisar. Temas como a presença do Sagrado, o elemento épico²³, o mundo como instância do poético, o caráter inventivo das duas obras expressam essa comunicabilidade.

Referências Bibliográficas

- [1] ALIGHIERI, Dante. *Tutte le Opere*. Roma: Newton, 2001.
- [2] ASIN PALACIOS, Miguel. *La escatologia musulmana en la Divina Comedia*. Madrid: Hiperión, 1984.
- [3] BLOOM, Harold. *A Angústia da Influência: uma teoria da poesia*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- [4] BORGES, Jorge Luis. *Nueve Ensayos Dantescos*. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

¹ “(...) não só as duas viagens são comparáveis em quanto entre si conduzem a uma área inexplorável e aos homens inexplorável sem um superior beneplácito, mas o confronto vem sempre com um sinal invertido, o que põe em relevo o valor alegórico dos dois eventos, o louco vou e naufrágio de Ulisses em contrapartida à salvação nos céus do peregrino Dante” (tradução nossa).

[4] CAMPOS, Augusto. “Um lance de ‘Dês’ no Grande Sertão./ CAMPOS, Haroldo. “A Linguagem do Iauaretê” In: COUTINHO, Eduardo (org.). *Fortuna crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

[5] CANDIDO, Antonio. *Tese e Antítese*. São Paulo: Edusp, 1978.

[6] NIETZEL, Adair de Aguiar. “Nhorinhá: A presença pela ausência – uma eterna paixão.” In: *Anuário de Literatura*. Florianópolis: UFSC, 1996.

[7] ———. “Otacília: um prolongamento da visão mítica de Maria”. In: *Anuário de Literatura*. Florianópolis: UFSC, 1997.

[8] NUNES, Benedito. “O amor na obra de Guimarães Rosa” In: *Ficção completa*, vol II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

[9] ORTEGA Y GASSET, José. *Estudos Sobre o Amor*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1960.

[10] PROENÇA, Manuel Cavalcante. “Dom Riobaldo do Ururucuia, cavaleiro dos campos gerais” IN: *Ficção completa*, Vol II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

[11] ROCHA, Gibson Monteiro. “O que há entre uma grande escritura e uma escritura divina? Commedia e Sertão.” In: PPGL-UFPE 30 anos. Recife: PPGLetras, 2007, 17-30.

[12] ROSA, João Guimarães. *Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

[13] ———. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

[14] ———. *No Urubuquaquá, no Pinhém*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

[15] ———. *Noites do Sertão*. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1988.

[16] ———. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

1 Para um estudo do mecanismo de construção dos neologismos em Guimarães Rosa, ver: CAMPOS, Augusto. “Um lance de ‘Dês’ no Grande Sertão./ CAMPOS, Haroldo. “A Linguagem do Iauaretê” In: COUTINHO, Eduardo (org.). *Fortuna crítica*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1991, p 321-349, 574-579.

2 Ver: BLOOM, Harold. *A Angústia da Influência: uma teoria da poesia*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

3 ROSA, João Guimarães. “Darandina” In: *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, INL, 1972, p. 124.

4 (Purg. I, 13)

5 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 264.

6 (Inf. III, 9)

7 Rosa, João Guimarães. “Dão-Lalalão (O devente)”, In: *Noites do Sertão*. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1988, p. 84.

8 (Inf. V, 42-3)

9 Rosa, João Guimarães. “Dão-Lalalão (O devente)”, In: *Noites do Sertão*. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1988, p. 845.

10 (Purg. XXV, 1)

11 BORGES, Jorge Luis. “Purgatorio I, 13”. In: *Nueve Ensayos Dantescos*. Madrid: Alianza Editorial, 1999, p. 65-69. / ASIN PALACIOS, Miguel. “El purgatorio musulmán en la <Divina Comedia>” In: *La escatología musulmana en la Divina Comedia*. Madrid: Hiperión, 1994, p. 175-191.

12 ORTEGA Y GASSET, José. “De Francesca a Beatrice”. In: *Estudios Sobre o Amor*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1960, p. 23-48.

13 Rosa, João Guimarães. *Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

14 CANDIDO, Antonio. “O homem dos avessos”. In: *Tese e Antítese*. São Paulo: Edusp, 1978, p. 124.

15 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 74.

16 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 159.

17 Sobre Nhorinhá e Otacília ver: NIETZEL, Adair de Aguiar. “Nhorinhá: A presença pela ausência – uma eterna paixão.” In: *Anuário de Literatura*. Florianópolis: UFSC, 1996, p 29-45 / — (1997). “Otacília: um prolongamento da visão mítica de Maria”. In: *Anuário de Literatura*. Florianópolis: UFSC, p 175-188.

18 ROSA, João Guimarães. “Cara-de-bronze” In: *No Urubuquaquá, no Pinhém*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976, p. 73-127.

19 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 221.

20 IDEM. IBIDEM.

21 Purgatório, Canto XXXI.

22 Sobre aproximações entre o *Grande Sertão* e a *Commedia* ver: ROCHA, Gibson Monteiro (2007). “O que há entre uma grande escritura e uma escritura divina? *Commedia* e *Sertão*.” In: *PPGL-UFPE 30 anos*. Recife: PPGLetras, 17-30.

23 PROENÇA, Manuel Cavalcante. 1994. “Dom Riobaldo do Urucuia, cavaleiro dos campos gerais” IN: *Ficção completa*, Vol II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

Autor

¹ **Gibson Monteiro da ROCHA, Doutorando**
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Pós-Graduação em Letras

camaragibson@gmail.com